HAL
open science

Do que as séries americanas são sintoma?

Giacomini Jair, François Jost

To cite this version:

Giacomini Jair, François Jost. Do que as séries americanas são sintoma?. Rizoma, 2016, 4 (1), 10.17058/rzm.v3i1.7777 . hal-01796175

HAL Id: hal-01796175

https://hal.science/hal-01796175v1

Submitted on 19 May 2018

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Rizoma
https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma
e-ISSN 2318-406X
Doi: http://dx.doi.org/10.17058/rzm.v3i1.7777
A matéria publicada nesse periódico é licenciada sob forma de uma Licença Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional
http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/

Resenha

Do que as séries americanas são sintoma?[1]

Jair Giacomini[2]

O cinema, de tempos em tempos, é ameaçado por uma crise. Crise que, no mais das vezes, acaba por não se concretizar; a sétima arte *goes on*. Sendo considerado uma arte (*status* que, diga-se de passagem, levou várias décadas após os Lumière para ser conquistado), o cinema goza de posição superior, está em patamar acima ao de outras mídias audiovisuais. Particularmente a televisão sempre se viu amassada pela crítica e pela academia: uma torneira de imagem e som; liquidificador de mentes; se não quiser pensar, sente-se em frente à televisão.

No entanto, um gênero televisivo, não novo, mas que cavou seu lugar e passou a chamar a atenção de forma mais contundente nas últimas duas décadas, está resgatando, em certa medida, a televisão de seu suposto sítio inferior. As séries são fenômeno de público, de crítica e também passaram a ocupar lugar de destaque nas pesquisas acadêmicas. É a partir desse cenário, que François Jost propõe sua reflexão em *Do que as séries americanas são sintoma?*. Lançado em 2011 na França e em 2012 no Brasil, o livro mantém-se atual meia década depois, visto que as séries continuam em ascensão. Ascendem, a propósito, nas três esferas citadas: público, crítica e academia. Por seu quilate diferenciado dentro do universo televisivo e por se equiparar em termos de qualidade às produções cinematográficas, as séries alcançaram o *status* de "obra", afirma Jost. *Status* este que confere às séries legitimidade para se constituírem em objeto de estudo. O autor se debruça, como o título do livro aponta, sobre as séries norte-americanas, uma vez que são elas as principais responsáveis pelo grande *boom* do gênero.

No início da reflexão, Jost lança algumas perguntas: De onde vem a paixão pelas séries?; o que sustenta, atualmente, essa relação do espectador com a ficção televisual?; por que as séries gozam de tanta popularidade? No centro dessas dúvidas adjacentes, ele localiza a pergunta principal: do que as séries são sintoma? Como bom pensador dos nossos tempos, Jost esclarece que é ilusório imaginar uma chave que abra a porta onde estariam todas as respostas. É, naturalmente, sempre de possibilidades que se fala.

Assim, a hipótese que o autor desenvolve no livro é esta: "o sucesso de uma série deve-se menos aos procedimentos que ela utiliza (visuais, retóricos, narrativos etc.) do que ao ganho simbólico que ela possibilita ao espectador" (JOST, 2012, p. 25). Jost deixa de lado, portanto, o "como", isto é, as técnicas e estratégias de construção da narrativa ficcional das séries, e dá relevo ao "porquê": afinal, por que se deseja que as histórias das séries

[1] JOST, François. *Do que as séries americanas são sintoma?* Tradução de Elizabeth B. Duarte e Vanessa Curvello. Porto Alegre: Sulina, 2012.

[2] Doutor em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); mestre em Letras/Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs); professor do Departamento de Comunicação da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc).

contemporâneas sejam contadas? É, defende o autor, do exame das relações que as séries estabelecem com os espectadores que advém a compreensão da importância das séries nas práticas culturais contemporâneas. Considerando que pretende compreender o que o sucesso das séries norte-americanas diz de seus espectadores, a escolha do *corpus* recai não sobre as séries incensadas pela crítica quando escreveu o livro, como *Six feet under*, *Sopranos* e *Mad Men*, mas sobre as que estavam no topo da audiência, como *CSI*, *The mentalist* e *Lie to me*. A escolha pelas séries norte-americanas deve-se ao reconhecimento de que elas alcançaram sucesso muito maior na França nos últimos anos do que as próprias produções francesas, sempre valorizadas naquele país.

Para Jost, a identificação do espectador com o universo ficcional de uma série tende a ser tão mais eficaz quanto maior for a relação que esse mundo ficcional estabelece com a realidade do espectador. O fosso que separa a ficção do mundo real pode ser transposto rapidamente pela "atualidade", recurso que estabelece relações do ficcional com o nosso presente, com nossa história. A atualidade, lembra Jost, possui duas faces: a dispersão e a persistência. A primeira costuma funcionar porque cria um poderoso efeito de real ao fazer a ligação entre os dois universos através da "espuma do dia", isto é, dos acontecimentos que vivenciamos aqui e agora. É, no entanto, um efeito que corre o risco de espirar rapidamente, tão logo os acontecimentos tenham seus significados enfraquecidos para o espectador. Já a persistência é o "banho de imersão" – é atual aquilo que permanece ao longo do tempo; é o que os espectadores, norte-americanos ou não, sentem como contemporâneo. Paradigmático desse recurso de atualidade é o 11 de setembro, que criou uma espécie de nova fronteira, uma nova ordem mundial na qual todos, supostamente, parecem se reconhecer. Assim, um certo sentimento de medo generalizado que motive as ações dos personagens encontra facilmente ressonância no espectador.

Mas, para Jost, é a "sede de saber" o fator que promove de forma mais eminente a nossa identificação com os personagens das séries contemporâneas. O realismo da literatura está intimamente ligado ao saber, especialmente aos saberes especializados. O discurso realista preconiza a transparência, o apagamento dos rastros do autor. Assim, o narrador onisciente do romance realista transita de uma mente a outra, transmite informações e busca saciar o leitor em sua vontade de conhecer. O romancista e os autores das séries contemporâneas se utilizam dos mesmos métodos para tornar credíveis os personagens detentores de conhecimento, como por exemplo, o emprego de jargão profissional de policiais, de advogados e de médicos. Os atores, por sua vez, também mergulham no universo dos profissionais que representam e passam dias acompanhando a rotina dos personagens reais para melhor encarná-los na tela.

As séries analisadas por Jost seduzem o espectador ao trazer conhecimento não sobre mundos distantes, mas sobre "um mundo muito perto da nossa casa, um mundo próximo". Mas, então, como preencher a sede de aprender se o espectador já conhece tal realidade, que lhe é cotidiana? O

atendimento da expectativa ocorre não tanto pela "restituição" (copiar a realidade com a maior fidelidade possível). Ocorre mais pela "invenção". Ou seja: fazer com que o espectador conheça aquilo que não necessariamente já saiba sobre o que lhe é próximo. Ele, o espectador, recebe, assim, um benefício simbólico a partir da aventura que está na esquina: o brinde é descobrir a realidade que está no fundo das aparências.

Jost fornece um exemplo bastante claro de como uma diferença de abordagem pode estimular menos ou mais a vontade de saber. Um episódio da série americana *Law and order: criminal intent* e de sua versão francesa – *Paris, enquete criminelle* – tiveram episódios com o mesmo tema: os sem-teto. Na versão francesa, os SDF (*sans domicile fixe*) são apresentados ao espectador aquecendo-se ao redor de um braseiro; já na versão americana, os *homeless* vivem nos esgotos, nos quais entram levantando a tampa de um bueiro. Jost diz que a primeira cena não mostra nada além daquilo que já se sabe de antemão enquanto a segunda revela um modo de vida que ainda desconhecemos, um mundo sob nossos pés – e isto promove a impressão de que descobriremos um novo mundo.

É desse jogo entre o visível e o invisível que as séries americanas parecem nutrir suas estratégias de identificação com o público. Nesse sentido, um recurso narrativo que adquire força e que está presente em boa parte das séries citadas por Jost é a voz *over*. Não bastam as imagens que mostram como o personagem age; é preciso sua voz para revelar o que as imagens não expressam ou, então, para dizer, mas de outra forma, o que as imagens mostram. Assim, pela voz *over*, os personagens expõem seus sentimentos (sentimentos, em si, não são filmáveis). Os enunciados da voz *over* dizem aquilo que o espectador sabe (de si próprio), mas que ele não enuncia na sua vida real. E via de regra, tais enunciados provocam o autorreconhecimento do espectador: "Ah, como eu!".

As produções que estão no topo da audiência em 2016 já são outras. Entretanto, o livro de François Jost é uma importante e instigante referência para os novos estudos que estão se debruçando sobre as séries – estas obras cruciais para compreendermos o mundo audiovisual deste e dos próximos anos. Das próximas décadas, possivelmente.

RECEBIDO EM: 30/06/2016 ACEITO EM: 14/07/2016